

Cidades.

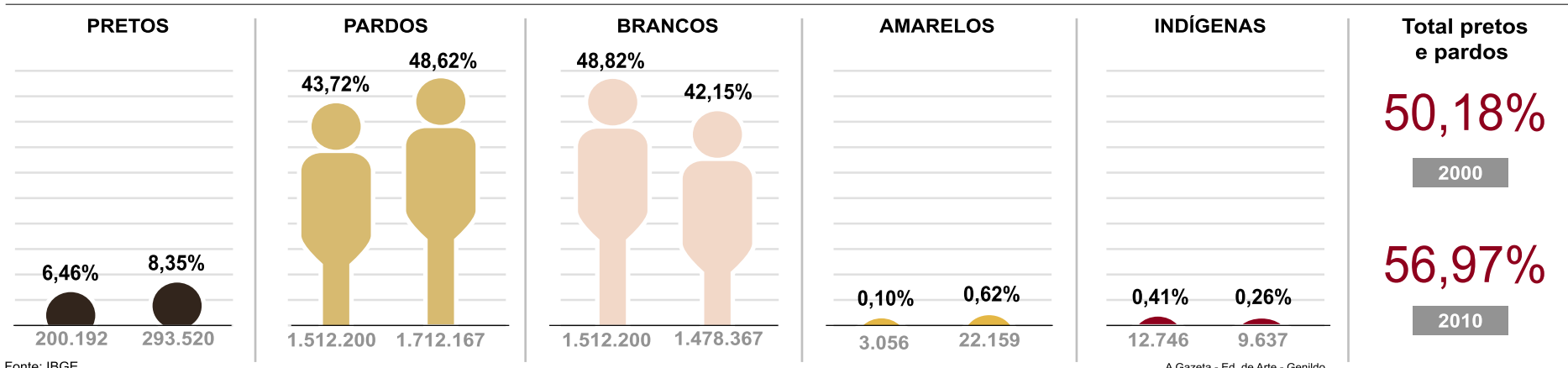
Vigia reage a assalto e é detido

Um adolescente tentou assaltar um vigia duas vezes na mesma madrugada e acabou baleado. O segurança terminou detido por porte ilegal de arma. **Página 12**

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

DISTRIBUIÇÃO DOS HABITANTES DO ESPÍRITO SANTO POR RAÇA DECLARADA

De 2000 para 2010



DADOS DO IBGE

POPULAÇÃO PARDA E PRETA CRESCE NO ESTADO

Em 2000 eram 50,18% dos habitantes; após dez anos, 56,97%

CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

A população do Espírito Santo que se declara preta ou parda aumentou. Se no Censo Demográfico de 2000 eram 50,18% dos habitantes do Estado, em 2010 foram 56,97%. O dado faz parte do Mapa da Distribuição Espacial da População segundo a Cor ou Raça, divulgado ontem, em Brasília, durante a 3ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

Ainda segundo os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caiu a quantidade dos que se diziam brancos: são 42,15% contra 48,82% no penúltimo censo. Vale destacar que o instituto usa cinco categorias de classificação: pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas.

“Há um movimento em que alguns que se consideravam brancos passaram para pardos. Ao mesmo tempo, há pardos que se começaram a se identificar como negros”, avalia o professor doutor em Educação e



GABRIEL LORDÉLLO

Orgulho em ação

Mirtes Sanches, 30 anos, é militante do movimento negro. Descendente de quilombolas, ela sempre declarou-se negra e diz ter orgulho de suas origens, mas lembra que ainda há muito preconceito.

“Sofro racismo no dia a dia. As pessoas buscam outras formas de chamar você, como se fossem ofender dizendo ‘negra’. Não gosto que me chamem de ‘morena clara’. Sou negra”

—
MIRTES DOS SANTOS SANCHES Analista ambiental e estudante universitária

membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) Gustavo Forde.

Para ele, a mudança aconteceu em etapas, com ações do movimento negro nos anos 1990, para uma ressignificação do “ser negro”. “Já na década que começou em 2000, entramos numa fase de implantação de políticas públicas na área da educação, como a obrigatoriedade do ensino da história dos negros nas escolas”, detalha Forde.

Com a abertura do diálogo com o governo, ações culturais e a discussão no dia a dia da sociedade, aos poucos as pessoas sentem-se mais confortáveis com a afirmação da raça. A auto-declaração é uma maneira de se perceber num grupo social. “Trazia uma carga muito negativa dizer-se negro. A partir do momento em que o legado histórico começa a ser positivado, isso muda”, diz o professor.



MAIS IBGE pág. 4